

Cláudio Luiz Zanotelli

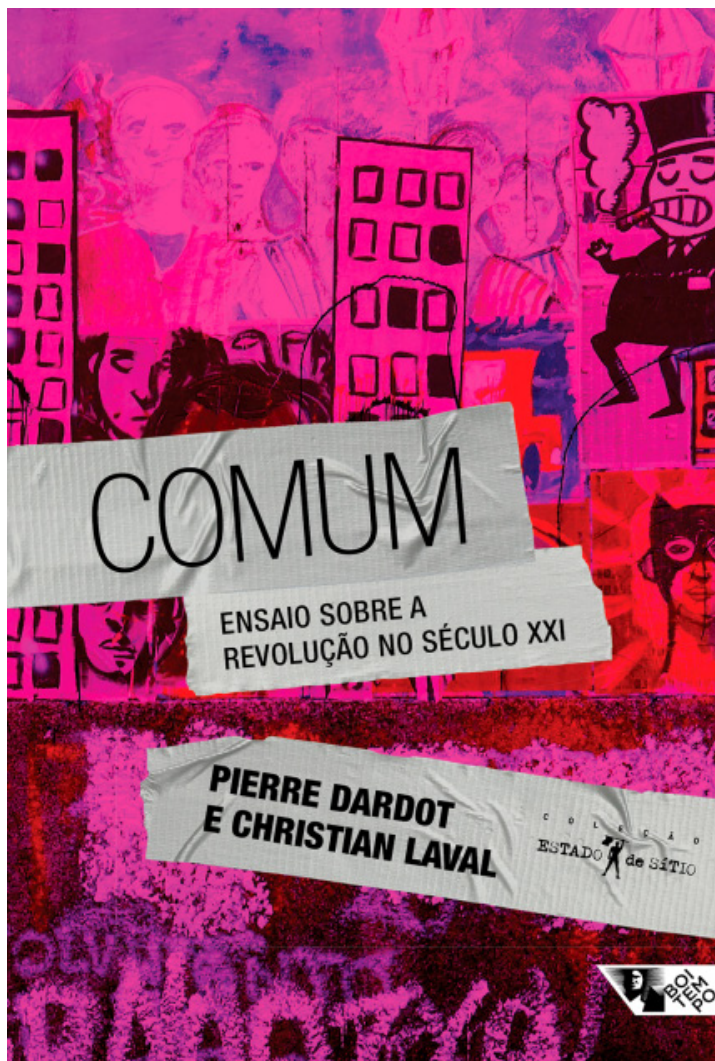
Professor do Departamento de Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.
clzanotelli@yahoo.com.br

RESENHA

COMUM - ENSAIOS SOBRE A REVOLUÇÃO NO SÉCULO XXI

Autores: Pierre Dardot e Christian Laval

São Paulo: Boitempo, 2017, 647 p.



Nesse livro de grande fôlego teórico são apresentadas a genealogia e a epistemologia do que é *comum*, o que é produzido politicamente por uma coletividade e que não é de maneira alguma algo espontâneo como desejam alguns ou estando desde sempre aqui; ao contrário, o *comum* para os autores é uma luta permanente por instaurar novos modos de relações sociais que desafiem a apropriação do mundo pelo capitalismo o que se traduz por uma coatividade

como fundamento da ação política: o que é comum se instaura e se institui.

Os autores fazem inicialmente uma arqueologia do *comum* e operam um debate crítico em relação à tradição do comunismo de Estado que capturou burocraticamente o comum e invocam uma necessária liberação do comum dessa captura.

O momento atual do capitalismo é analisado como aquele da apropriação dos espaços comuns de vida, da despossessão, como o invocou David

Harvey. O capitalismo como modo de acumulação específico do capitalismo, e isso ocorre de maneira importante e em primeiro plano nas próprias organizações da superexploração do trabalho dentro das empresas e nas administrações públicas. Os espaços comuns de cooperação e de trabalho são apropriados no interior mesmo das empresas e se torna exponencial a exploração já existente, portanto o comum não é somente defesa do que ainda não foi apropriado, mas uma luta cotidiana contra as relações de opressão dentro dessas organizações, o comum não é somente a luta contra os cercamentos graduais daquilo que resistiu ao capitalismo (comunidades originárias, comunidades de pescadores, indígenas etc), mas a luta contra os “cercamentos” e cerceamentos e exploração nas relações de trabalho.

Os autores fazem uma crítica argumentada e genealógica do direito de propriedade e o confrontam com a ideia do que não pode ser apropriado, invocando o primado das práticas de criação de direito sobre o Estado, o direito é muito mais que e vai muito além do Estado, esse direito pode ser uma instauração do “ser--em-comum” e do “agir comum”. Concluem conclamando para uma prática coletiva instituinte que se alimente do imaginário social nos termos da Instituição Imaginária da Sociedade de Cornelius Castoriadis.

No fim do livro Dardot e Laval elencam 9 proposições políticas que visam instituir o que é o comum, indo para além da partilha público-privado que aprisionou tanto os imaginários e práticas sociais nas lutas do socialismo.